

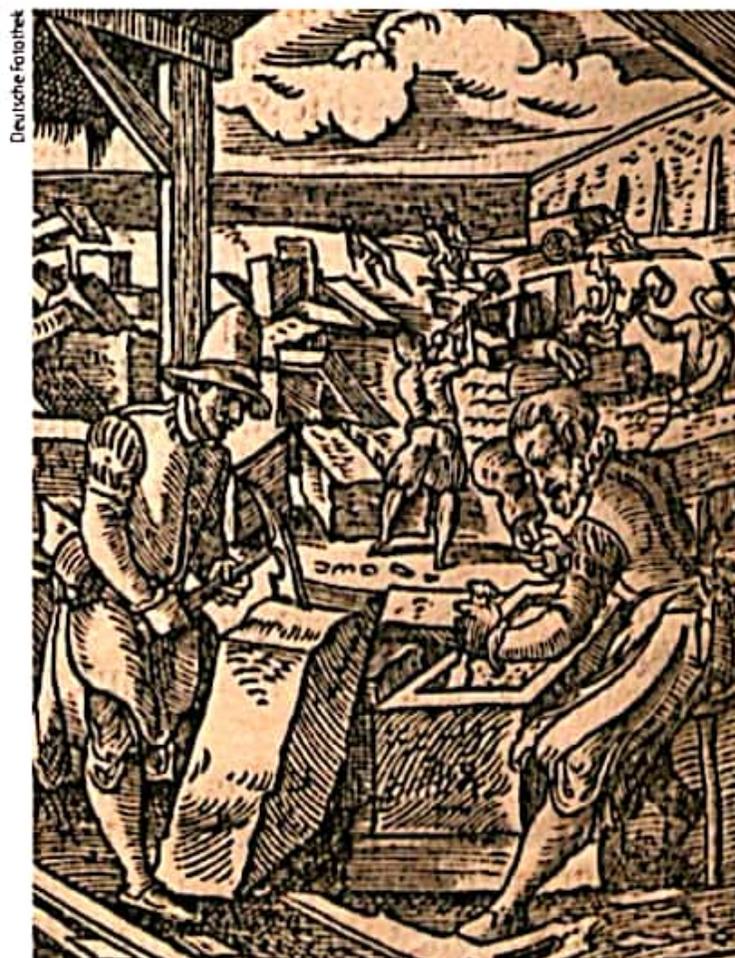
O trabalho no sistema capitalista 3 Conteúdo complementar.

Cada sociedade tem uma maneira particular de organizar a produção dos bens essenciais à manutenção da vida. Historicamente, existiram diversas formas de organização do trabalho e da produção, como o escravismo na Antiguidade, o feudalismo na Idade Média e o capitalismo nas idades Moderna e Contemporânea.

Neste volume, vamos nos ater especificamente à forma de trabalho que caracteriza a organização econômica capitalista, a qual se estabeleceu de modo gradual na Europa, entre os séculos XIII e XIX. Ela foi produto de um amplo processo de mudanças sociais, políticas e econômicas. Essas mudanças envolvem o surgimento das cidades, a acumulação de riquezas decorrentes das atividades mercantis e a transição de uma base econômica agrária para a industrial.

O capitalismo se fortaleceu com a expansão comercial dos reinos europeus na Idade Moderna (1453-1789). Porém, o desenvolvimento do trabalho manufatureiro e, posteriormente, a criação e a incorporação das máquinas é que alteraram de maneira profunda a organização dos processos produtivos.

A produção manufatureira deu início à especialização do trabalho, por meio da divisão de tarefas entre os trabalhadores. Assim, diferentemente da produção artesanal, na qual o artesão detinha o conhecimento integral de seu ofício, nas manufaturas, o trabalhador executava apenas uma parte do processo produtivo. A divisão do trabalho e a cooperação entre os trabalhadores propiciaram o aumento da produtividade e, em consequência, do capital resultante da comercialização dos produtos manufaturados.



GARZONI, Tommaso. *Escultor*. 1641. 1 xilogravura, 7,8 cm x 6 cm. Deutsche Fotothek, Dresden.

- Na Idade Média, surgiram formas de organização do trabalho conhecidas como "corporações de ofício". Eram carpinteiros, pedreiros, ourives, tecelões, ferreiros, padeiros, entre outros. As corporações forneciam qualificação, regras de produção e organização do trabalho, tais como parâmetros para prestação dos serviços, preços atribuídos aos trabalhos, controles de qualidade e reserva de mercado, etc. Tal ação fortalecia esses grupos profissionais e dava prestígio a seus participantes. Como as produções eram artesanais, elas se diferenciavam de acordo com o talento de cada artesão.

Dois autores clássicos da Sociologia, Émile Durkheim (1858-1917) e Karl Marx (1818-1883), apontam a divisão do trabalho como uma característica predominante nas relações de produção das sociedades modernas ocidentais. Tais autores perceberam que, nas sociedades tradicionais, o trabalho implicava o domínio de um ofício, no qual o trabalhador exercia todas as etapas da produção. Por sua vez, nas sociedades modernas, segundo eles, havia uma complexa divisão do trabalho, em que os trabalhadores executavam tarefas distintas e específicas, porém complementares, na produção.

Com a gradual inserção das máquinas nos processos produtivos, ocorreu o estabelecimento de uma nova divisão do trabalho. Tomemos como exemplo, durante o Período Medieval, o ofício de tecelão, cujas habilidades relacionadas à produção de tecidos e tapetes eram desenvolvidas em um longo período de aprendizagem. Os conhecimentos referentes a esse ofício eram transmitidos dos mestres para os aprendizes. A qualidade e o valor do produto variavam de acordo com o talento individual do artesão. O incremento dos teares na produção manufatureira de tecidos e, mais tarde, das máquinas têxteis alterou o ritmo da produção, dispensando a instrução ou qualificação dos trabalhadores.



TECER, fiar e pentear. [14--]. MS Fr. 598, f. 70v. Biblioteca Nacional da França, Paris.



BARFOOT, James Richard. *Progresso do algodão*, n. 6: fiação. 1840. 1 litografia, color., 35 cm x 48,5 cm. Mabel Brady Garvan Collection, Yale University Art Gallery, Connecticut.

■ Na Idade Média, os conhecimentos referentes ao ofício de tecelão eram transmitidos dos mestres para os aprendizes. Com a industrialização, as máquinas passaram a ditar o ritmo da produção.

A incorporação das máquinas na produção, processo iniciado na Inglaterra, em meados do século XVIII, conhecido como Revolução Industrial, possibilitou o aumento substancial da produtividade, a acumulação de capital e a formação da indústria moderna. O maquinário substituiu, em grande medida, o trabalho humano, pois tinha como vantagem a superação da limitação física dos operários. Enquanto estes, mesmo com longas jornadas de trabalho, necessitavam do descanso diário para se recompor, as máquinas podiam funcionar de modo ininterrupto, dia e noite, intensificando o processo de produção de mercadorias.

Na obra *O capital* (1867), Karl Marx aponta que a introdução do maquinário nas indústrias não tinha por intuito aliviar ou diminuir o trabalho executado pelos operários. As máquinas serviam para baratear o custo das mercadorias e, por consequência, aumentar o lucro. Para Marx, o lucro do capitalista advém da mais-valia, que é a diferença entre o valor que o trabalhador produz e o valor recebido na forma de salário. Isso significa que o salário não corresponde ao lucro produzido pelo trabalhador, representando tão somente um valor mínimo destinado à sua subsistência e à de sua família. A incorporação das máquinas na produção possibilitou aos proprietários industriais maior exploração da mais-valia, pois passaram a controlar o ritmo de trabalho nas fábricas, acelerando cada vez mais o processo de produção.

Ademais, o uso de máquinas propiciou a diminuição da quantidade de pessoas necessárias na produção das mercadorias, assim como a desvalorização do próprio trabalho humano. Como as máquinas dispensavam, em grande medida, o uso da força física dos trabalhadores, uma forma de diminuir os custos consistia em incorporar mulheres e crianças ao trabalho fabril. O motivo é que elas eram capazes de operar e alimentar as máquinas e recebiam salários inferiores aos dos homens.

Karl Marx aponta que, na organização capitalista, a **alienação** (ver **Conceitos sociológicos**) do trabalhador ocorre na medida em que este não se identifica com os frutos do seu trabalho. Ele sabe que esses frutos não são produzidos para a satisfação de suas próprias necessidades, mas para o enriquecimento de outro, no caso, o capitalista. Assim, Karl Marx demonstra que, no capitalismo, o trabalho deixa de ser uma forma de realização pessoal e de satisfação das necessidades humanas. Em vez disso, ele se transforma em um mecanismo de sobrevivência mínima do trabalhador e de obtenção do lucro para os proprietários dos meios de produção.

Há outro aspecto específico da **alienação** do trabalho. Conforme sublinhado por Karl Marx, no capitalismo, os trabalhadores, além de não serem proprietários de seus instrumentos de trabalho, também deixam de ser os detentores do conhecimento técnico de todo o processo de produção. Assim, o trabalho parcelado e o uso de máquinas fazem com que o trabalhador deixe de ter conhecimento do processo total de produção e de identificar a relação entre o trabalho diário que executa e o produto final que dele resulta.